

DIABRURAS  
AUTOR: IÇO DE FEROZ

Em 1991, na Agência de Rendas de Paranaguá, trabalhava o colega Moraes, muito bonachão, amigo de todos, porém de temperamento instável, do tipo para quem qualquer pé-de-pato dava um guarda-chuva. Em contradição, apesar de temperamental, Moraes gostava de pregar peças nos colegas, coisas como esconder pertences, colocar objetos estranhos nas pastas, prender o gancho do telefone com durex fazendo com que a linha não fosse liberada ao se retirar o fone e outras do gênero.

Por ser de cidade portuária, o grande volume de trabalho na agência era relativo à exportação e na época grande parte dos produtos exportados era tributada, com recolhimento na própria agência, o que gerava grande volume de dinheiro em caixa.

A funcionária responsável pelo caixa era uma AF4, hoje aposentada, de nome Lilian. Senhora de meia idade, trigueira, porte físico avantajado e muito desbocada, mas boa gente. Lilian tinha como auxiliar um servidor municipal cedido pela prefeitura local, de nome Paulo Henrique, não menos temperamental que o colega Moraes, que também era amigo de todos e chamado de PH.

Certa feita, Moraes precisou falar com Lilian alguma coisa relacionada ao trabalho, dirigiu-se ao seu posto, por coincidência, justamente na hora em que ela e seu acólito procediam ao fechamento do caixa e a mesa estava repleta de dinheiro.

Moraes, com seu espírito traquinas, não resistiu e, enquanto tratava seriamente o assunto que o levava até ali, surrupiou um maço de cédulas de consideráveis volume e valor. Pensando estar agindo prudentemente, dirigiu-se à sala da recém empossada chefe da agência, a auditora Miriam, hoje Delegada da 1ª DRR. Lévido e fagueiro, retirou do bolso e exibiu-lhe o maço de dinheiro. Não preciso eu descrever aqui o espanto dela, pessoa de conduta irrepreensível, só desfeito depois da explicação de que se tratava de uma brincadeira (de gosto duvidoso, convenhamos) com os colegas do caixa. A ela não restou senão sorrir e aceitar, aliviada, o que era, no caso, dos males o menor.

Retornando ao seu posto de trabalho, Moraes só observava os dois colegas no caixa. Não demorou muito e começou a agitação. Foi um tal de abrir e fechar gavetas, armários, cofre; revolver cesto de lixo, mover pilhas de documentos...

Um telefonema interrompeu o deleite do colega Moraes que acabou esquecendo temporariamente o fervo que acontecia no caixa.

Depois de algum tempo, Moraes alheio a tudo, absorto em seu trabalho, eis que dele se aproxima ninguém menos que PH, um tanto nervoso e muito sem jeito, temendo ferir possíveis melindres e as previsíveis conseqüências disso, medindo milimetricamente as palavras, tentou indagar mais ou menos assim:

\_Moraes, desculpe, não quero te acusar injustamente, mas você, por acaso, não teria... A essas alturas, Moraes não conseguiu mais esconder seu sarcasmo e deixou escapar uma ponta de riso, ao que PH emendou, gritando para a colega que continuava revolvendo o cesto de lixo. \_ Foi ele Lilian, ta rindo aqui o safado!

Não vou relacionar aqui todos os “elogios” que nosso colega ouviu dos dois, mas imaginem como ficaria a situação do travesso Moraes se, por uma dessas ironias do destino, justo naquele dia desse um furo no caixa!?